

**SUPEREXPLORAÇÃO E *MAL ESTAR* DO TRABALHO  
NO CORTE DA CANA-DE-AÇÚCAR NO PONTAL DO  
PARANAPANEMA-SP**

*OVERUSE AND UNEASINESS ON LABOUR OF CUTTING  
SUGAR CANE IN PONTAL DO PARANAPANEMA-SP*

**Gerson de Souza Oliveira\***  
*gerunesp@gmail.com*

**RESUMO** - Os apontamentos que procuramos aqui desenvolver se caracterizam por um esforço preliminar em apresentar para discussão elementos de nossa apreensão sobre as condições de trabalho vivenciadas pelos trabalhadores migrantes arregimentados para o capital agroindustrial canavieiro no Pontal do Paranapanema, bem como, a processualidade da dominação de classe e do controle social no cotidiano desses trabalhadores. Procuramos voltar o olhar para alguns desdobramentos das relações laborais e da organização do trabalho sobre a questão da saúde dos sujeitos que protagonizam diariamente esse processo nas frentes de corte da cana-de-açúcar na região.

**PALAVRAS-CHAVE:** trabalho; superexploração; controle social; território.

*ABSTRACT* - The annotations that we seek to develop here are characterized by a preliminary effort to present information for discussion of our concern about the labour conditions experienced by migrant workers recruited for the sugar cane agro-industrial capital in the Pontal, as well as the processuality of class domination and social control in the daily lives of these workers. We try to observe some implications on labour relations and the organization of work on the health of individuals who daily are the protagonists of this process in the cut areas of sugar cane in the region.

**KEY-WORDS:** labor; super-exploitation; social control; territory.

---

\*Estudante do 5º ano de graduação em Geografia. Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP de Presidente Prudente. Bolsista FAPESP.

## INTRODUÇÃO

A proposição desse título é uma alusão ao quadro de profunda indisposição e perturbação orgânica pelo qual vem passando o mundo do trabalho nessa viragem do segundo milênio. É com base nesse *mal estar*, que procuraremos ressaltar no texto corrente alguns dos desdobramentos concretos da objetividade da forma social do capital no que se refere à degradação das condições laborais e reprodutivas dos trabalhadores, dentro e “fora” do trabalho nas agroindústrias canavieiras do Pontal do Paranapanema, região oeste do estado de São Paulo.

O avanço da territorialização do projeto do capital pelos quatro cantos do globo terrestre tem imprimido de forma espacialmente desigual, mas sempre combinadas em sua essência, as marcas destrutivas da civilização da barbárie nos diferentes lugares e escalas.

No meio rural brasileiro o agronegócio tem se encarregado de capitanear a hegemonização desse modelo, expandindo o monocultivo, destruindo florestas, contaminando rios, nascentes, e reservatórios,

desterritorializando o campesinato, indígenas, quilombolas e também mutilando e invalidando trabalhadores assalariados [subempregados] nessa difícil empreitada, via de regra, no corte da cana-de-açúcar.

É a partir desses referenciais que colocamos em relevo os processos recentes de exploração e controle social dos trabalhadores no território do Pontal do Paranapanema, engendrados por aqueles que foram denominados vergonhosamente de “heróis do agronegócio” brasileiro.

A trama de relações e alianças que envolvem os vários agentes de classe no Pontal do Paranapanema (capital canavieiro, grileiros e representantes políticos) tem sua efetividade através da estratégia em garantir a dominação de classe e minar qualquer possibilidade de efetivação da Reforma Agrária nesta região; dado que, está em jogo não somente a disputa por terras, mas uma disputa de projetos de sociedade antagônicos. De um lado estão os movimentos sociais do campo e em particular o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), do

outro, os já citados agentes da classe hegemônica.

Os elementos aqui apresentados também se caracterizam por um esforço de nossa parte em esboçar, de modo preliminar, algumas questões referentes aos sofrimentos e mal estar vividos pelos trabalhadores envolvidos no corte da cana-de-açúcar, tendo por pressuposto a forma de organização e de relações de trabalho precarizadas como causa primeira dos adoecimentos, acidentes/mutilações, agravos e sofrimentos - “fora” e “dentro” – do/no ambiente de trabalho.

Desvendar as artimanhas presentes na organização do trabalho no âmbito das empresas torna-se algo importante quando se pretende evidenciar os nexos e analisar os impactos de determinadas atividades laborais sobre a saúde dos trabalhadores. Todavia, bem situadas nossas limitações teóricas e disciplinares no que tange ao assunto referente à saúde do trabalhador<sup>1</sup>, do ponto de vista da geografia do trabalho consideramos de suma importância (e necessária) a abordagem inter-transdisciplinar sobre a

realidade do mundo do trabalho, sobretudo, em tempos de reestruturação produtiva e “aperfeiçoamento” da dominação capitalista.

## DESENVOLVIMENTO

### DESTRUTIVO DO CAPITAL

#### AGROINDUSTRIAL

#### CANAVIEIRO: ALGUMAS

#### CONSIDERAÇÕES

Desvelar o caráter específico da formação e dinâmica do capital no caso brasileiro se faz importante, haja vista as peculiaridades da “modernização” burguesa operada nesse país estar subordinada ao processo de dominação e exploração determinado por sua hierarquizada posição na divisão internacional do trabalho.

Desse modo, na esteira do *moderno* discurso do desenvolvimento nacional, da apologia irrestrita à modernização capitalista e emprego de avançadas forças produtivas, o que o capital/agronegócio tem em sua essência é o constante revigoramento de antigas e novas práticas de superexploração do trabalho e destruição da sua principal força produtiva. Invariavelmente, a

<sup>1</sup> Não está em questão os casos clínicos e outras dimensões que envolvem a medicina do trabalho.

reprodução e acumulação de capital no Brasil, impulsionadas aos saltos durante alguns momentos áureos da economia, não rompeu com o que era considerado “atrasado”, sendo assim, sua própria dinâmica interna de funcionamento necessita fortalecer e recriar constantemente as práticas ditas arcaicas, ou formas regressivas de relações de trabalho para se reproduzir.

Esses apontamentos se justificam pelo fato de considerarmos necessário fazer algumas indicações sobre a *forma de ser* e a natureza do capital em países como o Brasil, visto que, as calamidades e sofrimentos, a exploração e opressão incomparavelmente maiores das grandes massas de camponeses e, por conseguinte, do proletariado, são peculiaridades – mas não exclusividade – das objetivações do capital neste país.

É mister compreender nesse caso, que existe um antagonismo fundamental entre o capital social *total* e a *totalidade* do trabalho, pois, de acordo com Mészáros (1987, p. 64) esse antagonismo, essencial para entendermos a reprodução da “commodity society”, bem como os múltiplos e agudos problemas do trabalho, se modifica em função de: a) circunstâncias socioeconômicas locais;

b) a posição relativa de cada país na estrutura global da produção do capital; e c) a maturidade relativa do desenvolvimento sócio-histórico global.

Sem dúvida, ao encontro dessa formulação, os estudos de José Chasin (1978)<sup>2</sup> sobre as particularidades de objetivação do capital no Brasil, alinhavados no designativo de *via colonial*, são extremamente relevantes para estudarmos o caráter atípico e particular da reprodução hiper-tardia desse metabolismo social no caso brasileiro.

Seguindo essas indicações vemos que, o desenvolvimento do capitalismo neste país se deu (se dá) de forma atrasada ou retardatária em relação aos “países centrais”, processo caracterizado na sua definição de um tipo de capitalismo *hipertardio*<sup>3</sup>. Esta formulação se estrutura no entendimento de que o processo de *entificação* do capitalismo no Brasil e nos outros países *capitalisticamente* “menos desenvolvido”, sempre esteve [e

---

<sup>2</sup> Idem.

<sup>3</sup> Esta expressão é defendida por José Chasin em sua tese doutoral condensada no livro: “O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hipertardio”. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

está] subordinado ao progresso técnico/organizacional e ao desenvolvimento das forças produtivas dos países “centrais”.

Mesmo cientes de que “o capital não tem pátria” e que sua lógica é incontrollável, avaliamos que os países ditos “avançados”, através dos vários órgãos multilaterais, atuam na defesa da auto-reprodução do capital social *total*. Por isso impõem os ritmos e definem as regulações da “taxa média de lucro” [ou taxa de exploração], da expansão e concentração do capital internamente à divisão internacional do trabalho<sup>4</sup>.

Adjunto a esses processos, a reprodução capitalista no território brasileiro, por não romper abruptamente com o que era considerado “atrasado” pelos entusiastas desse sistema, atua combinando a assimilação de técnicas as mais *modernas* com a manutenção crônica e estrutural de relações de trabalho arcaicas – e esse processo não lhes retira a condição de economias dependentes e exploradas. (NETTO; BRAZ 2008, p. 186)

O brutal avanço do desenvolvimento das forças produtivas

capitalistas no campo, impulsionado pelo afamado agronegócio, determinou e tem determinado a expulsão da terra para as famílias camponesas, bem como, a destruição da diversidade produtiva com as monoculturas, a degradação do meio ambiente e a superexploração dos trabalhadores, contando inclusive, com vários casos de práticas de trabalho semi-escravo ou assemelhadas à escravidão<sup>5</sup>.

Com a ampliação territorial do circuito produtivo da cana-de-açúcar e mesmo com o alto nível de mecanização de algumas agroindústrias, expande-se também a demanda por trabalho vivo no mercado de trabalho agrícola. Contudo, o ritmo impulsionado pela maquinaria requer “corpos” treinados e ágeis para dar respostas ao novo padrão produtivo e patamares de produtividade, assim, para suprir essa necessidade, os contratantes ultrapassam não só os limites municipais e regionais, mas também estaduais<sup>6</sup> para arregimentar a força de trabalho e convertê-la em capital, pois:

<sup>5</sup> A esse respeito consultar o site da ONG Repórter Brasil onde constam as ocorrências flagradas pelo Grupo Móvel de Fiscalização do Ministério do Trabalho e inclusive a “Lista Suja” das empresas onde houve as ocorrências.

<sup>6</sup> Cf. THOMAZ JUNIOR, 2002, p. 208.

<sup>4</sup> Cf. MÉSZÁROS, 1987.

Um fornecimento de trabalho vivo e adequado às necessidades do capital que o movimenta constitui, portanto, uma das condições básicas de acumulação. Na medida em que as circunstâncias o permitem, parte da ampliação dessa quantidade de trabalho pode ser obtida pelo prolongamento da jornada de trabalho, ou pela intensificação do trabalho. (LUXEMBURGO, 1985, p. 247)

Como consequência do *vai-e-vem* interno desse fluxo, que interliga e integra novos territórios [ou pontos] às redes constituídas pela dinâmica migratória, têm-se a redefinição de uma nova geografia do trabalho migrante no Brasil<sup>7</sup>. É por esse viés que se insere, com mais intensidade nos anos recentes, o conflituoso território do Pontal do Paranapanema à fúria expansionista da cultura canavieira e do agronegócio *alcoholizado*<sup>8</sup>.

Os desdobramentos das ações recentes do agronegócio da cana na região têm fortalecido o referencial do modelo que se propõe moderno e modernizante, porém, concomitantemente, revitaliza antigas (e novas) práticas organizativas do trabalho que identificam a realidade do trabalho ou da precarização das relações de

trabalho sob os auspícios da reestruturação produtiva do capital no campo, como: pagamento por produção no corte e exigência de alto patamar de produtividade por trabalhador, arregimentação e/ou contratação terceirizada, adoção de práticas degradantes e formas assemelhadas de superexploração do trabalho e trabalho escravo, evidências do total descumprimento da legislação trabalhista, sem citar a dimensão da insustentabilidade e destrutividade dessa lógica sobre o meio ambiente.

Apesar de lastreado pelo ideologizado discurso da energia limpa, pura e do “compromisso ético” dos “biocombustíveis” (que preferimos chamar de agrocombustíveis por entendermos o emprego do termo “bio” como sinônimo de vida somente um recurso de marketing), o que a dinâmica do agronegócio procura ocultar, são os expedientes regressivos e sofisticados das diversas formas de expropriação do sobretrabalho na jornada laboral dos trabalhadores, especialmente os migrantes. Estes, desde o primeiro momento em que “pisam o pé” dentro do ônibus, geralmente fretados pelos gatos/agenciadores em seus municípios

<sup>7</sup> Cf. OLIVEIRA, 2007.

<sup>8</sup> Cf. THOMAZ JUNIOR, 2009, p. 273.

de origem para se empregarem no Centro-Sul, passam a ser submetidos ao que chamamos aqui de *circuito da dominação e superexploração* do capital agroindustrial canavieiro.

### MAL ESTAR, CONTROLE SOCIAL E SUPEREXPLORAÇÃO DOS TRABALHADORES MIGRANTES NO PONTAL DO PARANAPANEMA-SP

O migrante se apresenta como um trabalhador extremamente produtivo se comparado aos outros trabalhadores. Por conta de questões históricas - culturais, econômicas, sociais ou mesmo religiosas - e uma trajetória de experiências de trabalho ou de uma sociabilidade laborativa marcada por altos níveis de precariedade, dificilmente recusam o “trabalho duro”.

Não podemos desconsiderar dessa análise que dentro da divisão social e sexual do trabalho colocada pela sociedade capitalista e reforçada pelo ideário burguês/cristão [estrutura patriarcal], o homem tem um papel bem definido como o pai-provedor e chefe da família. No cotidiano dos trabalhadores

o medo de falhar no cumprimento desse papel e das punições advindas do meio social são objetividades decisivas para a construção de formas de subjetividade ou mesmo auto-representação social, por isso há certa rigidez no *autodisciplinamento* para suportar “mais trabalho” sob piores condições. O pavor do desemprego é determinante para o trabalhador experienciar essas situações *ansiosas*<sup>9</sup> e com isso intensificar a atividade produtiva. Não queremos com essa argumentação de alguma forma reforçar uma situação de submissão ou “um ato de vontade” dos trabalhadores em ser explorados, mas justamente procurar evidenciar como estão colocadas as clivagens e amarras sociais que tornam mais evidentes o papel social da alienação na sociedade capitalista.

As empresas sabem de modo eficiente aproveitar essas características, se apropriando da subjetividade para, constantemente impor e controlar o ritmo do trabalho voltado ao aumento

<sup>9</sup> É uma ansiedade superposta na medida em que a supervisão tem por encargo específico manter esta ansiedade com relação ao rendimento de cada trabalhador (DEJOURS, 1992 *apud* PEREIRA; RUMIN, 2011).

da produtividade, extorquindo e se apropriando do trabalho não pago. Dessa forma, “a manutenção da produtividade está diretamente articulada com a manutenção de um quadro geral de saúde que suporte a efetivação desta imposição organizacional nos limites corporais”. (PEREIRA; RUMIN, 2011, p. 07)

Os trabalhadores no processo de trabalho são lesados de formas variadas, seja no valor pago pelo metro da cana<sup>10</sup> sobre o qual não têm o mínimo controle, na distribuição (em alguns casos, inexistente) dos Equipamentos de Proteção Individual (EPI) já desgastados e/ou sem condições de uso ou, ainda, na negação em cumprir as normas trabalhistas e outros direitos (FGTS, seguro desemprego, FAT, NR-31 etc).

Ao realizar trabalhos de campo nos municípios [nas pensões e hotéis em péssimas condições, casas alugadas nas periferias, barracões etc.] e visitar alguns locais de trabalho nos canaviais da

---

<sup>10</sup> O valor pago ao trabalhador do corte de cana-de-açúcar é convertido, a partir de uma regra de três simples, de peso em metro com base no valor da tonelada de cana-de-açúcar. O problema é que os trabalhadores não participam do processo de definição do valor do metro e, tão pouco, conseguem fazer algum tipo de fiscalização.

região com presença de migrantes<sup>11</sup>, pudemos acompanhar e observar suas rotinas de trabalho, realizar entrevistas e coletar informações importantes junto a estes trabalhadores e também com os moradores locais.

Isso nos qualifica a argumentar que no ambiente de trabalho (o *talhão*<sup>12</sup>), são impostas/estabelecidas as relações fundamentais para garantir a “eficiência” e o “sucesso” na realização das tarefas de corte, plantio, capina, etc. É nesse espaço, onde se aplica direta e objetivamente as práticas de coerção física e psicológica, o “disciplinamento” e monitoramento dos indivíduos (corpos e mentes), o assédio moral e várias outras formas de pressão e controle social sobre os trabalhadores

---

<sup>11</sup> No desenvolver dessa pesquisa conseguimos verificar a presença de migrantes em pelo menos 15 municípios da região: Caiabu, Emilianópolis, Indiana, Marabá Paulista, Martinópolis, Narandiba, Pirapozinho, Presidente Prudente, Presidente Venceslau, Regente Feijó, Sandovalina, Santo Anastácio, Santo Expedito, Taciba e Tarabai.

<sup>12</sup> De acordo com o dicionário Houaiss (2001), talhão é a porção de terreno, mais ou menos distinta e separada, com qualquer cultura; ou seja, é a porção mais ou menos extensa geralmente em formato retangular onde um grupo ou grupos de trabalhadores executam as atividades.

pelos fiscais ou *feitores*<sup>13</sup>. Isso não anula o fato de que estas práticas sejam semelhantemente reproduzidas em outros ambientes, como no ônibus, dentro da parte fabril, nos alojamentos etc.

Nesse *espaço disciplinador*, empregando a formulação cunhada por Michel Foucault (1983 apud MORAES, 2006, p. 80), a aplicação da disciplina não se apresenta somente nas variações institucionais/formais, mas também pelas dimensões “microfísicas” que permeiam as relações de poder entre os indivíduos e grupos sociais.

A situação de vulnerabilidade dos migrantes é criada propositadamente pelo modo de organizar o trabalho, estruturado para que não ocorram problemas de interrupções no *circuito da dominação e superexploração*, o que afetaria a base da dinâmica reprodutiva do metabolismo do capital no setor canavieiro. A situação de afastamento da família, de inferiorização frente às hierarquizações<sup>14</sup> colocadas pelos

estigmas sociais a partir das definições (toponímicas) que os diferenciam quanto à cor e origem<sup>15</sup>, além da insegurança na garantia do emprego e o medo de deixar faltar o provimento dos dependentes, são fatores que influenciam no condicionamento de uma subjetividade, ou na forma como os indivíduos se comportam perante determinada realidade. Acreditamos que é justamente sobre essas condições [estranhas] de reprodução da alienação, externa e internamente ao espaço de trabalho, que se processa a expropriação/apropriação da mais-valia e a (des)-realização do trabalhador.

Diante dessas “positivações” do estranhamento, vivenciadas não somente na atividade produtiva, os migrantes convivem com situações condicionantes da realidade que se assentam a partir das clivagens objetivas como a propriedade privada e divisão hierárquica e técnica do trabalho. Objetiva e subjetivamente as determinações do interior destas relações sociais dissimuladas, também

<sup>13</sup> Denominação dada pelos trabalhadores numa alusão ao feitor do período do regime escravocrata no Brasil.

<sup>14</sup> A socióloga Maria Aparecida de Moraes Silva (2007) assevera ainda que, esses estranhamentos são condicionantes de

subjetividades dissimuladoras e levam a uma divisão entre os trabalhadores ou uma segmentação fragmentária entre migrantes e não-migrantes, os de fora e os do lugar, etc.

<sup>15</sup> Cf. SILVA, 1999; 2007.

estruturadas pelas *fetichizações* da sociedade do capital, “impõe um *tipo humano* submetido às coisas ou ao poder das coisas, ou seja, o homem alienado ou homem desfetivado como sujeito<sup>16</sup>”. Nas palavras de Silva (2008, p. 02),

o fenômeno das migrações sazonais contribui para o aumento da vulnerabilidade dos trabalhadores em função do processo de desterritorialização em que se encontram, pois se acham distantes dos locais de origem, o que, conseqüentemente, favorece o enfraquecimento dos laços sociais – sobretudo familiares – que solidificam o processo identitário e as relações sociais de pertencimento;

Na pragmática das empresas agroindustriais canavieiras, a chamada *acumulação flexível* tem sua materialidade nas diversas ocorrências de racionalização da produção, na descentralização e/ou re-localização das plantas agroindustriais e nas distintas ações de controle social, gestão e fragmentação do conjunto dos trabalhadores<sup>17</sup>, mas também, na apropriação da subjetividade - dos conhecimentos e experiências dos

mesmos - no processo produtivo. Percebe-se que na organização do trabalho, apesar de se ter reduzido o número de trabalhadores, houve um aumento significativo da produtividade do trabalho, pois a ação combinada do ritmo ditado pelas máquinas paralelamente ao trabalho manual tem extorquido a mais-valia relativa e absoluta dos trabalhadores durante a atividade produtiva.

Nos eitos é visível, mesmo para não especialistas na área da saúde e ergonomia, a postura, inclinação e atuação de forças no quadril totalmente incorretas e inapropriadas, porém, necessárias para que o trabalhador consiga realizar o trabalho de corte, limpeza, desponta, transporte e empilhamento no menor tempo possível e garantir o maior aproveitamento no apanhar dos feixes de cana que pesa entre 10 a 12 quilos<sup>18</sup>.

Os esforços repetitivos sob o sol estafante exigem o dispêndio de enorme carga física dos trabalhadores no corte, deixando-os suscetíveis à hipertermia, causada pela realização de exercícios

<sup>16</sup> Thomaz Júnior (2009) ocupando-se das formulações contidas em “A ideologia alemã” de Marx e Engels.

<sup>17</sup> Cf. THOMAZ JÚNIOR, 2009, p. 258.

<sup>18</sup> Em um dos trabalhos de campo foi possível realizar a pesagem do feixe com diferentes tipos de cana.

intensos com desidratação, ventilação inadequada sob as pesadas roupas e a exposição a altas temperaturas no decorrer do dia.

O desgaste físico dos cortadores de cana agravada pela carência nutricional tem como principais sintomas inicialmente sede, fadiga e câimbras intensas, na seqüência o mecanismo termorregulador corporal começa a entrar em falência e surgem problemas como náuseas, vômitos, irritabilidade, confusão mental, falta de coordenação motora, delírio e desmaio (SANTOS, 2009).

Nos postos de saúde dos municípios de Tarabai e Regente Feijó as enfermeiras confirmaram ser comum atender trabalhadores das agroindústrias vítimas de convulsões e desmaios, ou, como dizem os trabalhadores, os “borrados”. Este termo pejorativo é empregado em tom de *chacota*, geralmente pelos fiscais e chefes de turma para designar os trabalhadores que “não aguentam” o serviço vítimas de desmaios, câimbras ou convulsões, entretanto mais do que uma banalização do sofrimento alheio<sup>19</sup>, representa uma

forma de assédio e coerção moral e psíquica que influencia, inclusive, na decisão do trabalhador de retornar rapidamente ao trabalho e não pegar licença médica para tratamento de saúde.

O sofrimento físico/biológico do organismo, determinado pela “mutilação” diária dos corpos nas frentes de corte, em conjunto com o sofrimento psicológico presente, tanto pela distância de casa e família como pela pressão no ambiente de trabalho, produzem um profundo *mal-estar* durante a execução do trabalho e após ele. As instalações precárias das moradias, sem correta ventilação e péssimas condições sanitárias podem contribuir para agravar a condição de saúde física e psicológica dos trabalhadores.

Nas cidades da região, maioria com população abaixo dos 20 mil habitantes, a pouca disponibilidade de casas para locação por conta do fluxo migratório e o constante encarecimento dos imóveis ainda disponíveis, faz com que os migrantes se alojem, às vezes, de 03 a 15 pessoas em um único quarto com beliche para 08 ou 10. Eles dividem esses espaços para cama, para pendurar as

---

<sup>19</sup> Cf. DEJOURS, 1999.

roupas nos varais dentro de casa e, ainda, o fogão para poderem fazer a sua comida.

Os trabalhadores que migram sem a família levantam às quatro horas da manhã para prepararem a sua comida e cinco horas eles vão para o ponto de ônibus; à tarde quando retornam, novamente têm que fazer a janta, indo dormir por volta das nove horas, para, no dia seguinte, retomar a jornada. Dormindo pouco, se alimentando mal (sobretudo no calor quando perdem o apetite), realizando 17 flexões de tronco e aplicando 54 golpes de facão por minuto, com o joelho semi-flexionado e a cervical estendida, perdem assim oito litros de água ao final de cada dia<sup>20</sup> para cortar em média 12 toneladas. Alguns trabalhadores dizem que chegam a emagrecer aproximadamente 08 quilos durante o período de uma safra.

Nas visitas às casas e alojamentos não são poucas as queixas de dores no corpo e de uma constante sensação de cansaço por parte dos trabalhadores,

mesmo estando um ou dois dias sem trabalhar. Os vários casos de invalidez parcial e permanente, em ocorrências já registradas levam a óbito vários trabalhadores, sem contar a maioria dos casos que não são divulgados, os prontuários velados, a validade da desassistência das empresas etc.

A ocorrência de patologias relacionadas ao trabalho pode não se dar somente no período das safras, contudo, mesmo após o passar dos anos, talvez até em outros empregos ou afastado do trabalho, o indivíduo pode apresentar e desenvolver sintomas de doenças decorrentes do tipo de atividade e/ou ambiente no qual trabalhava. Por exemplo, câncer na faringe em decorrência do período em que esteve aspirando fuligem ou ar com presença de gases e partículas estranhas ao aparelho respiratório oriundos da queima da cana-de-açúcar.

Não é muito difícil de pressupor a futura incidência da patologia relacionada ao trabalho ou mesmo do óbito imediato quando analisamos os números diários da superexploração. Conforme estudos sintetizados na

---

<sup>20</sup> Estudo realizado pela Secretaria de Saúde de São Paulo. Informações disponíveis na página da Pastoral do Migrante. <<http://www.pastoraldomigrante.org.br/index.php?view=article&catid=1>>, acesso em 12 fev. de 2011.

publicação “Vozes do Eito”<sup>21</sup>, organizado pelo Serviço Pastoral dos Migrantes de Guariba (SPM), em 10 minutos um trabalhador derruba 400 quilos de cana, desfere 131 golpes de podão, faz 138 flexões de coluna, num ciclo médio de 5,6 segundos cada ação. Trabalhando sob temperaturas acima de 27 °C, podendo chegar a 38° na região de Presidente Prudente, e respirando muita fuligem no ar ao final do dia terá ingerido mais de 7,8 litros de água, em média, desferido 3.792 golpes de podão e feito 3.994 flexões com rotação da coluna. A carga cardiovascular nesse ritmo de trabalho é alta, acima de 40%, e, em momentos de pico, os batimentos cardíacos chegam a 200 por minuto, já a temperatura do cérebro após as 13 horas, em dias de muito calor pode chegar a 44 graus<sup>22</sup>!

No ano de 2008 (pelo que temos registro), ocorreu a primeira morte de trabalhador rural no corte da cana na

região de Presidente prudente<sup>23</sup>. Mesmo as declarações veiculadas pela imprensa local sobre o laudo médico não comprovar ter sido a morte causada pela exaustão, acreditamos com base nos relatos de amigos que com ele trabalhavam, que Mariano Baader (53 anos), radicado no município de Tarabai, foi mais uma vítima da fúria desmedida do capital agroindustrial canavieiro na ânsia de reprodução dos seus patamares de lucro, o que impõe a intensidade e excesso de trabalho como prerrogativas.

Estes são os desdobramentos objetivos da voracidade destrutiva do projeto societário metabolizado pelo sistema do capital e seus imperativos manipulatórios no âmbito da agroindústria canavieira. As câimbras, dores de cabeça, escolioses, tonturas, vômitos, náuseas, mutilações de pernas, braços, dedos, são somente as marcas de uma realidade “convulsionada” pela barbárie alastrada pela territorialização do projeto capitalista de sociedade nesse setor do agronegócio.

---

<sup>21</sup> Cf. FACIOLI, 2009, p. 09.

<sup>22</sup> Neste ano um estudo realizado pela Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo confirma estes dados, chegando a valores ainda mais alarmantes, reconhece as condições precárias de trabalho nos canaviais e se apresenta como um subsídio para nortear ações de melhorias das condições de trabalho no setor (ARAÚJO, 2011).

---

<sup>23</sup> Informação disponível no site <[http://isindical.blogspot.com/2008\\_05\\_01\\_archive.html](http://isindical.blogspot.com/2008_05_01_archive.html)>, acesso: 18/10/2008.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Infelizmente ainda hoje no Brasil muitos dos casos de óbitos, dores, inflamações e/ou modificações estruturais e funcionais do organismo, [certamente] produzidas por doenças decorrentes do trabalho, não comparecem nos prontuários e fichas [oficiais] dos postos de saúde. No corte da cana-de-açúcar na região de Presidente Prudente isso não é diferente. Este fato ocorre tanto por motivos do medo frente à represália das empresas - demissão ou afastamento compulsório - que faz com que o trabalhador não procure o atendimento; ou porque o adoecimento e/ou prejuízo à saúde só se manifesta após o fim da safra e retorno do trabalhador ao seu estado de origem, no caso dos migrantes.

Podemos afirmar, com base no que estamos entendendo desse processo, que, o grau de risco à saúde no trabalho manual tende a piorar com o aumento do emprego da maquinaria (capital constante) na produção, ou seja, da tecnificação do processo produtivo. O necessário aumento da produtividade trazido pela colheita mecanizada atrelado a forma de pagamento [por

produção], ampliam o grau de nocividade e perigos ao organismo do trabalhador. Seja pela intensificação do trabalho manual, ditado pelo ritmo das máquinas, ou mesmo, porque as colheitadeiras mecânicas são projetadas para solos regulares com pouca declividade, onde se encontra a “cana em pé”. Destinando assim os trabalhadores para as áreas irregulares com cana “deitada”, “emaranhada” ou “pé-de-rolô” como é por eles denominada. O corte da cana “deitada” e emaranhada exige maior destreza e esforço físico das pernas, mãos e, em termos da ergonomia, principalmente da coluna cervical (estruturas osteomusculares), para o corte, limpeza, desponta e transporte da gramínea até a leira<sup>24</sup>.

O processo de trabalho na parte agrícola das empresas canavieiras sob a forma de pagamento por produção impõe o desgaste físico e psicológico compatível com o ritmo da exploração. Sob “*fogo cruzado*” os migrantes trabalham submetidos ao crivo de relações que impactam diretamente nas

---

<sup>24</sup> Nome dado ao sulco onde a cana é plantada. Geralmente, dentro as cinco ruas, a terceira é a leira onde são feitos os montes com a cana cortada, para facilitar o trânsito das máquinas que a recolhem.

condições degradantes e insalubres no ambiente de trabalho, não obstante, com rebatimentos diretos na deteriorização de sua capacidade física para desenvolver futuramente qualquer tipo de atividade laboral.

Diante do fulcro da reestruturação produtiva, o capital re-estabeleceu e redimensionou os patamares da precarização do trabalho. Em se tratando de uma atividade historicamente degradante, como o corte manual da cana-de-açúcar, o conjunto das práticas que deterioram o trabalho como, as formas de arregimentação, pagamento por produção, descumprimento de cláusulas trabalhistas e dos próprios contratos, são exemplos nocivos e alarmantes, nos setores de ponta do agronegócio, da superexploração e da precarização do trabalho no século XXI.

As estratégias de exploração e subsunção do trabalho colocam o exercício do controle social noutra patamar, a degradação intensa das relações de trabalho, as formas e mecanismos de arregimentação e subcontratação atrelados à desarticulação sindical, fragilizam ainda mais a organização da resistência ao

capital. Dito de outra forma, os rearranjos territoriais trazem em si o conteúdo contraditório da luta de classes, denotando a materialidade da reestruturação produtiva nos lugares, tendo como seus reflexos diretos a contínua expropriação e diferenciação do mundo do trabalho que resulta na polissemia que “impacta direta e profundamente o universo simbólico e a subjetividade do trabalho em geral e o movimento operário em particular” (THOMAZ JÚNIOR, 2009, p. 36).

Mesmo diante de todas as clivagens e barreiras colocadas para não haver questionamentos e subversão da ordem estabelecida, ainda que apequenadas, constantemente ressurgem e se insurgem movimentos que colocam em cheque as precarizadas relações de trabalho<sup>25</sup> no setor canavieiro. Foi marcante, por exemplo, em 2008 quando vários casos de greves, piquetes e pequenos paradesiros eclodiram em várias regiões do estado de São Paulo, tendo alguma

---

<sup>25</sup> Temos visto na imprensa neste início de ano, sobretudo alternativa à grande mídia, alguns casos de revoltas e manifestações de trabalhadores contra a situação de exploração e subversão dos direitos trabalhistas em grandes obras, inclusive, que recebem recursos do BNDES para sua execução.

ou nenhuma repercussão pela imprensa. Na região isso não foi diferente, tendo os migrantes, sobretudo os oriundos do Ceará e Pernambuco a frente desses movimentos, conforme relatamos e acompanhamos<sup>26</sup>.

Mesmo sendo na maioria das vezes pontual e localizada, as ações de confrontação e insatisfação com a situação de injustiça social, quanto à remuneração, às condições dos alojamentos, da alimentação e o cumprimento dos contratos de modo geral, são momentos raros em que a partir da unificação dos interesses da turma ou coletivo de trabalhadores, se cria espaços de questionamento da exploração no trabalho. Mais do que isso, até a possibilidade de se pensar formas mais justas de relações de trabalho e inclusive, como já ocorreu na história do setor canavieiro, romper com a organização do trabalho vigente e propor novas práticas organizativas como acenou a experiência da Revolta de Guariba em 1984.

<sup>26</sup> Cf. Relatório de iniciação científica citado na bibliografia.

## REFERÊNCIAS

ALVES, F. Processo de trabalho e danos à saúde dos cortadores de cana. **Interfacehs** – Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente. São Paulo, v.3, n.2, artigo 2, abr./ago. 2008.

\_\_\_\_\_. Por que morrem os cortadores de cana. *Saúde e Sociedade*. **Saúde e Sociedade**, v.15, n.3, p.90-98, set.-dez. 2006.

ARAÚJO, H. SP “reconhece” precariedade em canavial. **Disponível em:** <  
[http://www.pastoraldomigrante.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=827:sp-qreconheceq-precariedade-em-canavial-&catid=1:ultimas&Itemid=53](http://www.pastoraldomigrante.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=827:sp-qreconheceq-precariedade-em-canavial-&catid=1:ultimas&Itemid=53)>, acesso: 12 de fev. 2011.

AZEVEDO, L. Cortadores de Cana terão melhores condições de trabalho. **Disponível em:** <  
<http://www.pastoraldomigrante.org.br/index.php?view=article&catid=1>>, acesso: 12 de fev. 2011.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GEBARA, J. J.; BACCARIN, J. G.; ZOCOLLER BORGIA, M. M. **O mercado de mão-de-obra volante da cana-de-açúcar e a migração sazonal: os mineiros do médio Vale do Jequitinhonha**. Jaboticabal, 1986. (Relatório de Pesquisa-Fapesp).

GEBARA, J. Queimada de cana, desemprego e migração sazonal. In: SERVIÇO PASTORAL DOS MIGRANTES et al. (org). **O fenômeno**

- migratório no limiar do terceiro milênio: desafios pastorais.** Petrópolis: Vozes, 1998. p. 280-285.
- HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico da Língua Portuguesa.** São Paulo: Objetiva, 2001.
- LUXEMBURG, Rosa. **A acumulação de capital.** São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- MENDONÇA, Maria Luisa. **A OMC e os efeitos destrutivos da indústria da cana no Brasil.** São Paulo: CPT, Grito dos Excluídos Continental, Jubileu Brasil/Campanha Contra a Alca, Rede Social de Justiça e Direitos Humanos, SPM, 2006.
- MÉSZÁROS, István. **A necessidade do controle social.** São Paulo: Ensaio, 1987.
- NETTO, J. P.; BRAZ, M. **Economia política: uma introdução crítica.** 4 ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- NOVAES, J. R. **Impressões: Uma reflexão sobre o trabalho no agronegócio da cana** Uma síntese do Encontro “Trabalhadores Canavieiros: Saúde, Direito, Trabalho”. São Carlos, 2007. Disponível em: <<http://www.pastoraldomigrante.com.br>>, acessado em: 08 jun. 2008.
- NOVAES, J. R.; ALVES, F. (org) **Migrantes: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro).** São Carlos: EdUFSCar, 2007.
- OLIVEIRA, A. M. S. de. A Territorialização do Capital Agroindustrial Canavieiro e a *nova* Geografia do Trabalho Migrante no Brasil. In: OLIVEIRA, A. M. S; THOMAZ JR, A; GONÇALVES, M. A. (org). **Geografia e Trabalho no século XXI.** 1. ed. Presidente Prudente: Centelha, 2007. v. 3. p. 54-83.
- OLIVEIRA, G. de S. **O Trabalhador Migrante para o Corte da Cana-de-açúcar no Pontal do Paranapanema-SP.** Presidente Prudente, 2010. (Relatório de Pesquisa- PIBIC/CNPq).
- PEREIRA, A. C. J.; RUMIN, C. R. A expansão das agroindústrias canavieiras no oeste paulista: Impactos sobre a saúde dos trabalhadores (SP). **Disponível em:** <<http://pesquisa.fundacentro.gov.br/linkpdf/40234.pdf>>, acesso em: 23 de fev. 2011.
- SANTOS, A. P. **Natureza e Trabalho na lógica do Capital: contradições sociais do desenvolvimento econômico e limites ambientais do complexo agroindustrial canavieiro no Brasil.** **Herramienta**, Buenos Aires, v. 42, 2009.
- SILVA, M. A. M. et. al. Do karoshi no Japão à birôla no Brasil: as faces do trabalho no capitalismo mundializado. **Revista Nera**, Presidente Prudente, ano 9, n.8, 2006.
- \_\_\_\_\_. Trabalho e trabalhadores na região do “mar de cana e do rio de álcool”. In: NOVAES, J. R.; ALVES, F. (Org.) **Migrantes: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro).** São Carlos: EdUFSCar, 2007. p. 55-86.
- \_\_\_\_\_. Morte e acidentes nas profundezas do ‘mar de cana’ e dos laranjais paulistas. **INTERFACEHS – Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente**, São Paulo, v.3, n.2, artigo 1, abr./ago. 2008.

\_\_\_\_\_. **Agronegócio:** a reinvenção da colônia. São Paulo, Serviço Pastoral do Migrante, 2008b, p.4-18.

THOMAZ JÚNIOR, A. **Por trás dos canaviais os nós da cana.** São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.

\_\_\_\_\_. *Agronegócio Alcoolizado e Culturas* em Expansão no Pontal do Paranapanema! Legitimação das Terras Devolutas e Neutralização dos Movimentos Sociais. In: SIMONETTI, M. C. L. (Org). **III Fórum de Políticas Públicas, Ambiente e Populações.** Marília, 2007a.

\_\_\_\_\_. Não há nada de novo sob o sol num mundo de heróis! (A civilização da barbárie na agroindústria canavieira). **Revista Pegada**, Presidente Prudente, v.8, n.2, 2007b. p. 05-26.

\_\_\_\_\_. **Dinâmica Geográfica do Trabalho no Século XXI** (Limites Explicativos, Autocrítica e Desafios Teóricos). 997p. Tese (Livre Docência em Geografia) – Faculdade de Ciência e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, 2009 (volumes 1, 2 e 3).

RAMOS, D. A. R.; SOUZA, J. G. de. A composição orgânica do capital e seus efeitos sobre a mobilidade da força de trabalho assalariada no setor sucroalcooleiro no município de Sertãozinho- SP. Presidente Prudente: **Revista Pegada**, v. 7, n. 2, nov. 2006. p. 43-62.

OLIVEIRA, G. de S. Superexploração e *mal estar* do trabalho no corte da cana-de-açúcar no Pontal do Paranapanema – SP. **Revista Pegada Eletrônica**, Presidente Prudente, vol. 11, n. 2, 31 dezembro 2010. Disponível em: <<http://www.fct.unesp.br/ceget/pegada112/04GERSON1102.pdf>>. Acesso em: \_\_.\_\_. 20\_\_.